

“UNIDAS PELO FERVO, FERVIDAS PELO AMOR”: NOTAS SOBRE UM COLETIVO PRETO, POSITHIVO E LGBT+ NA CIDADE DE SÃO PAULO¹

*Bruno Nzinga Ribeiro*²

APRESENTAÇÃO

A década de 2010 foi testemunha de forte instabilidade na política institucional, visível no acirramento dos debates políticos e nas ocupações das ruas e praças. Das lutas contra o aumento das tarifas do transporte público e por ampliação de direitos em 2013 às marchas por direito à cidade, pelo orgulho LGBT, contra o racismo e o genocídio dos povos negros, até manifestações contra a Copa do Mundo, pela democracia, contra o golpe que depôs a primeira presidenta eleita, e em repúdio à nova agenda neoliberal, o que se viu foi uma mobilização política intensa, que muitas vezes tomava direção inesperada. É nesse ambiente de variadas crises e de emergência de um contexto de retrocesso de políticas de direitos que travestis, sapatões e bichas³, em sua maioria jovens negros entre 16 e 30 anos, começavam a organizar festas a partir de coletividades com atuações tanto nos movimentos sociais quanto na vida cultural de São Paulo. Naquele momento, nascia uma vibrante cena preta LGBT⁴⁺ com uma estética permeada por estilos despojados, coloridos e de afirmação racial, presentes nos discursos dos sujeitos

1 Esse texto é fruto de pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sob o processo nº 18/02183-9.

2 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e pesquisador discente no Pagu- Núcleo de Estudos de Gênero, ambos na Unicamp. E-mail: brunonzingaribeiro@gmail.com.

3 Aqui, destaques são grafados com aspas, categorias êmicas são grafadas com itálico; já trechos de falas e de descrições dos eventos, como também, trecho de entrevistas serão grafados em itálico e aspas.

4 Utilizo a ideia de cena para indicar um conjunto de relações que envolvem iniciativas construídas por e para negros LGBT, sem esquecer que, ao dirigirem-se para esse público, também o constituem, atuando como esfera de produção mesma de sujeitos, categorias e identidades.

e dos coletivos, destacando-se progressivamente na mídia, nas redes sociais, nos circuitos de arte e cultura e nos círculos de debate entre pessoas negras. Nesta cena, “ferver”, “celebrar”, “viver”, “amar” e “empoderar-se” surgiam não apenas como palavras de ordem, mas como verbos conjugados cotidianamente, deslocando convenções de gênero e sexualidade e como contrarresposta ao racismo, à LGBTfobia e às desigualdades. Diante de uma avalanche de retrocessos e avanço das pautas conservadoras⁵, as festas se tornavam ambientes centrais de uma cena preta LGBT que emergia propondo “no agora” um mundo que almejavam, isto é, prefigurando cura, respeito, visibilidade e, principalmente, o “fim a todas as opressões” (CARMO, 2019; ZANOLLI, 2020).

Meu percurso por esta cena tem início nas minhas interações e andanças pelas festas do centro de São Paulo no final da minha adolescência, momento em que eu ingressava na universidade e começava a me pensar como um sujeito político interpelado a partir de meu lugar de *bicha preta*. De tal modo, diversão, fruição de desejos e a construção de atividades em espaços politicamente engajados se complementavam perfeitamente nos meus círculos de amizades, como também ressoavam nas teorias que eu conhecia na sala de aula e nos movimentos sociais. Nas idas e vindas entre minha cidade de nascimento, São Paulo, e a cidade que estudava, Campinas, começo a enquadrar meus interesses de pesquisa a temas que envolviam raça, gênero e sexualidades. Já no fim do meu primeiro ano de graduação, 2014, construí meu primeiro projeto de pesquisa, debruçando-me sobre uma revisão bibliográfica sobre raça e sexualidades na literatura sobre gênero e sexualidade. Depois, iniciei uma pesquisa sobre as festas negras e LGBT e, mais adiante, em 2018, ingressei no mestrado e dei início a uma agenda de pesquisa dedicada a pensar interseccionalidades, estéticas e ativismos na cena preta LGBT+ de São Paulo a partir de coletividades⁶. Aqui, retomo as experiências destas coletividades, olhando especial-

5 Para uma análise acurada sobre as transformações no cenário político brasileiro, sobretudo no que tange os movimentos LGBTI+ e as políticas sexuais, recomendo a leitura da coletânea “Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo” (FACCHINI, 2020).

6 Este artigo é fruto da pesquisa que resultou na dissertação “Afronta, vai, se movimenta! Uma etnografia sobre a cena preta LGBT da cidade de São Paulo”, desenvolvida entre 2018 e 2021.

mente para o Coletivo Amem. Antes de apresentá-lo, situo brevemente a emergência de pautas e de sujeitos políticos negros e LGBT na cidade de São Paulo, lançando mão a pesquisas que se debruçaram sobre contextos que se correlacionam ao foco deste artigo.

Em 2020, Isadora Lins França, orientadora da dissertação que deu origem a este artigo, e eu, olhamos para as transformações nos universos criativos das pessoas negras LGBT em São Paulo, cruzando nossas pesquisas etnográficas em ambientes frequentados por sujeitos negros LGBT+ na cidade de São Paulo, em dois momentos históricos distintos (FRANÇA; RIBEIRO, 2020). Sem propor linearidades, rupturas ou continuidades históricas, colocamos em perspectiva parte dos trabalhos de campo realizados entre 2007 e 2009 por França (2012) no Samba do Caê— lugar que se anunciava como um “*samba da GLS*” e era frequentado majoritariamente por *bichas pretas* de camadas populares— com os trabalhos de campo realizados por mim entre 2015 e 2019, sobre as primeiras experiências da cena preta LGBT de São Paulo. O período analisado por Isadora foi marcado por um ciclo de conquistas de direitos como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e pela construção de um sujeito político LGBT⁷, pelas políticas voltadas para raça, como o Estatuto da Igualdade Racial (2010)⁸, e um intenso debate sobre as políticas de ação afirmativa nas universidades e no funcionalismo público. Contrastando com esse período, o contexto de emergência das primeiras iniciativas analisadas por mim surge em paralelo a uma ascensão conservadora, marcada pelas investidas contra LGBT+ e a desestruturação de políticas relacionadas à diversidade sexual e de gênero, sob o rótulo da “ideologia de gênero”⁹.

As pesquisas de França (2012) e Ribeiro (2021) tratam de momentos históricos distintos que colocam diferentes possibilidades de atuação política e resistência para estas experiências que, apesar de suas singularidades, se aproximam pela centralidade do cruzamento das diferenças de raça, gênero e sexualidade na constituição de lugares de encontro, de afirmação estética e de constituição de si. Enquanto a década

7 Ver Facchini, 2008; França, 2012; Aguião, 2014.

8 Lei especial N° 12.288, promulgada no dia 20 de julho de 2010 pela Presidência da República, dispõe sobre um conjunto de princípios jurídicos cujos objetivos são coibir a discriminação racial e efetivar a igualdade de oportunidades à população negra.

9 Ver Viveros Vigoya e Rondon, 2017; também Corrêa, 2018.

de 2000 tinha como horizonte os direitos sociais, a segunda assistiu o recrudescimento do autoritarismo e da violência de Estado contra pobres e negros, acompanhados do discurso da “democracia racial” e do desmonte de políticas pela igualdade racial. É nas fendas de uma conjuntura agudizada pela descrença na política e na institucionalidade que as ideias de negritude, empoderamento e autonomia tornaram-se cada vez mais presentes nos vocabulários dos jovens, engajando-os politicamente dentro e fora das arenas convencionais da política, abrindo espaço para formas de ativismos por meio das artes e de um caráter lúdico, com uma estética afirmativa e confrontadora, característicos da cena preta LGBT.

As transformações nas formas de atuação política também foram tematizadas por um amplo conjunto de pesquisas nas ciências sociais nos últimos anos. As pesquisadoras Flávia Rios e Regimeire Maciel (2018) debruçaram-se sobre as relações, transformações e coexistências de diferentes gerações de feministas negras. Na tese de doutorado de Carla Gomes (2018) há uma análise fina sobre as diferenças nas coreografias de protesto na Marcha das Vadias no Rio de Janeiro, onde um “enquadramento de transgressão” contrasta e se sobrepõe a um “enquadramento vitimário”, outrora predominante em boa parte dos movimentos contra violência de gênero, informando o centramento do corpo e da emoção como instrumentos da luta política. Já as autoras Regina Facchini, Íris do Carmo e Stephanie Lima (2020) desvelam as mudanças de enquadramentos em movimentos sociais brasileiros, a partir de um panorama analítico acerca dos movimentos LGBTI, negros e feministas, em especial no período pós-2010, apontando para processos de mudanças que deram fôlego aos novos vocabulários, categorias e enquadramentos nestes movimentos.

É nesta conjuntura de enquadramentos e vocabulários políticos em renovação que me defrontei com inúmeras experiências de resistência política e social. Sujeitos que vivem violências de toda sorte e mobilizam seus corpos como laços que os envolvem em redes de afeto e cuidado. Assim, neste artigo trato da cena preta LGBT a partir de notas etnográficas sobre a história e a atuação do Coletivo Amem – coletivo formado por artistas, pesquisadores e ativistas, cuja atuação objetiva construir espaços de referências para o debate das vivências negras e *positHIVas* “*com protagonismo do público feminino, LGBT e periférico que usa*

o fervo e performances como instrumento estético/político criando espaços de encontros potentes”¹⁰.

“TIRE O ACENTO DO AMÉM E AMEM!”

A Amem surgiu numa encruzilhada de encontros, trânsitos e andanças pelas iniciativas culturais da cidade de São Paulo. Era nessa cidade que Flip¹¹ e seus amigos criticavam a ausência de debates e de pessoas negras em eventos LGBT, como também, a ausência de discussões sobre vivências LGBT em ambientes voltados para sujeitos negros. Em entrevista concedida para esta pesquisa, ele disse que desde 2015 já frequentava bares e festas voltadas a um público LGBT, como a Nêga¹², uma festa que acontecia na região da Rua Augusta, no centro de São Paulo. Apesar destes espaços contarem esporadicamente com artistas negros, eles eram organizados e frequentados majoritariamente por pessoas brancas. Das “*problematizações*” sobre esses espaços surgiu a necessidade de se criar um ambiente auto-organizado por pessoas negras, com protagonismo de sujeitos negros LGBT. Neste mesmo período emergiam iniciativas como a festa Don’t touch my hair, a festa Batekoo e o

10 Estes excertos são partes da descrição da Festa Amem, disponível em suas páginas e eventos nas redes sociais.

11 Além de idealizador da Festa e Coletivo Amem, Flip Couto é intérprete na Cia. San-sacroma, membro da House Of Zion e cofundador da Aliança pró-saúde da população negra. Com formação profissional em dança, ele atua como performer, curador e produtor de eventos e palestras. Descreve-se como uma “bixa preta vivendo abertamente com HIV” e traz em seus trabalhos discussões sobre negritudes, sexualidades e saúde da população negra e HIV/Aids a partir de estéticas negras contemporâneas com enfoque na cultura Hip Hop e cena Balroom. Recebeu o prêmio APCA 2018 na categoria “Difusão e memória”, pelo Festival Vozes do Corpo e “Prêmio Denilto Gomes de Dança 2019 – Olhares para Estéticas Negras e de Gênero na Dança”. Como palestrante, Flip participou da convenção “House Lives Matter NYC” 2017 e 2018 (encontro de lideranças da cena Balroom) e “The Journey to Black Liberation Symposium Toronto”, em 2018.

12 Nêga foi uma festa que aconteceu na boate Anexo B, na Rua Augusta, entre 2013 e 2017. Apesar de não se tratar de uma festa voltada para um público negro, a proposta musical centrada nas “black divas” abria oportunidades para artistas negros. Por esta razão, esta festa aparece na narrativa de alguns interlocutores desta pesquisa, justamente por ser um lugar em que eles atuaram como DJ, promoters e dançarinos. A festa também acontecia em outras cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Em conversas informais, meus interlocutores apontaram o valor elevado dos ingressos e a ausência de uma proposta política pelos “organizadores brancos” como elementos que “elitizavam” e “embranqueciam” aquele ambiente.

Grupo de Articulação Política Preta (GAPP) – grupo criado no interior da “Ocupação Preta”, movimento de ocupação do Complexo Cultural da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE-SP), em protesto à extinção do Ministério da Cultura pelo governo de Michel Temer – desta última experiência surge uma rede de discussões e de pessoas importantes na concepção do que mais tarde se tornaria o Coletivo Amem.

A princípio, a intenção era criar um ambiente diverso e focado em sonoridades negras. O lugar, a música e a estética da festa foram pensadas para proporcionar uma experiência “aconchegante e intimista”, de trocas e conversas entre os sujeitos. Em entrevista à revista *Vice* (2017)¹³, Flip Couto disse que a festa surgiu da necessidade de “*aproximar iguais*”, isto é, reunir sujeitos negros e LGBT, como forma de fortalecer laços e descortinar temas que eram geralmente omitidos ou tratados como tabu. A festa também foi uma maneira de Flip se reconectar com as pessoas e romper com silenciamentos que marcaram períodos da sua vida. Em 2010, Flip descobriu que vivia com HIV. Neste sentido, a Amem foi parte de romper com o silêncio sobre o HIV e de fomentar espaços de cuidado, afeto e partilha entre sujeitos negros e LGBT, sobretudo *bichas pretas* que, como ele, atuavam nas danças urbanas, universo que atravessa boa parte de suas relações.

A primeira edição da festa aconteceu em abril de 2016¹⁴ na Igrejinha, um pequeno bar localizado no bairro da Consolação, no centro de São Paulo, onde Flip trabalhava como *freelancer*. Entre os convidados estavam presentes o artista residente da festa, DJ Rodz, a cantora e compositora Tássia Reis e o DJ Pow Brasil, considerado um dos expoentes entre os DJs do hip-hop brasileiro. Nessa edição, também estavam presentes as artistas Linn da Quebrada, Jup do Bairro e Liniker, três

13 A partir da história de três integrantes do Coletivo Amem, esta matéria aborda a experiência de pessoas negras que vivem com HIV. Além de Flip Couto, contribuem para a entrevista Micaela Cyrino e Fênix Zion. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/ne4b3w/relatos-pessoas-negrashiv?fbclid=IwAR0IyBPqxcjaurZVEZEer06mMURSJwzNwUKkjF-x1IWo3coCbVC3L6v9tQ>>. Último acesso em 4 de dezembro de 2022.

14 Neste mesmo mês nasce o Quilombo urbano e Centro cultural Aparelha Luzia, lugar de resistência e organização política de movimentos e sujeitos negros em São Paulo, idealizado por Erica Malunguinho, hoje deputada estadual pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-SP). Flip diz que a Aparelha é uma “irmã” da Amem, por terem começado no mesmo período e, especialmente, pelo caráter político-pedagógico de suas propostas.

cantoras de destaque na cena musical do país. Sorrisos, abraços e os gestos desinibidos das pessoas que dançavam na pista foram a tônica da festa. Dessa forma, a festa debutou na cena de São Paulo como um espaço pequeno, acolhedor e com uma proposta musical que privilegiava referências da música negra.

Inicialmente, a festa foi nomeada como “Amém Brothers”, aproveitando o clima do local do evento, o bar Igrejinha, mas, também, como um projeto com vistas a “congregar pessoas”¹⁵. Em um dos registros fotográficos da primeira edição, Isis Vergílio, uma das integrantes da organização da festa, posa com os olhos fechados e com as palmas das mãos unidas, como se estivesse rezando, ao lado de Flip. Na imagem de divulgação da festa, o nome “Festa Amém Brothers” aparece com destaque na lateral esquerda, imediatamente abaixo a data e o horário da festa são separados pelo símbolo de uma cruz amarela. No centro, há a figura de dois anjos barrocos voando em torno da imagem dos três convidados; Tássia Reis, usando uma saia longa vermelha e um bustiê preto. Nas duas grandes asas brancas de Tássia há a imagem do Dj Rodz, à direita, e a de uma mesa de som, já à esquerda de Tássia o DJ Pow com a mão levemente flexionada para baixo, semelhante ao gesto do manuseio dos discos. As referências ao bar Igrejinha estiveram presentes durante boa parte da trajetória da festa nesse local. Ainda assim, já na quarta edição houve uma primeira mudança transformando a referência religiosa em uma expressão forte do afeto: excluiu-se o acento agudo do nome, transformando a palavra “Amém”, originária do hebraico *Amen*, e comumente usada em contextos religiosos, em simplesmente “Amem”, a forma imperativa do verbo amar. Os próprios organizadores diziam “*tire o acento e amem!*”.

Conforme as pessoas se integravam à organização, a festa incorporava novas ideias e enfoques narrativos. A começar por Isis Vergílio¹⁶, que colaborou com a organização da primeira festa, por meio da sua

15 Aqui, vale ressaltar que a referência religiosa remetia a uma experiência gospel/ evangélica partilhada por muitas famílias pobres e negras, como a própria família de Flip. Neste sentido, uma estética evangélica também pode ser compreendida como negra. Tal questão é mais abertamente explicitada quando se pensa as próprias expressões artísticas da população negra afro-americana, o jazz, o soul, o blues e outros tantos estilos têm raízes na própria vivência evangélica protestante.

16 Isis Vergílio é colunista das revistas *Elle* e *Marie Claire*. Ela tem uma longa trajetória como dançarina na cena hip-hop. Idealizou a *AfroCreators*, uma plataforma de divul-

recém-criada *AfroCreators*, uma plataforma de diálogos e fomento de produções de artistas negros. Isis esteve junto à festa, sobretudo na primeira fase, o que levou a festa a ampliar o seu escopo. Félix Pimenta e Biel Lima, dois membros que seguem no Coletivo Amem até o momento de publicação deste texto, chegaram na segunda edição. Eles moravam juntos naquele período e foram convidados por Flip para conhecer a festa que seria inaugurada em uma semana. Há aqui um conjunto de relações mais antigas se entrecruzando. Félix e Flip se conheciam há pelo menos 10 anos. Flip viveu parte de sua vida na Zona Leste da cidade e teve uma vida dedicada às danças urbanas. Em 2005, Félix estava nos anos finais do ensino médio e envolvido com iniciativas culturais de dança e teatro, quando viu Flip dançar em seu antigo grupo “Discípulos do Ritmo”, uma referência das danças urbanas na época. No ano seguinte, 2006, Félix começou a ir mais frequentemente a apresentações e oficinas de dança e teatro em São Paulo, quando soube de um *workshop* de Flip. Aos risos, Félix falou sobre como foi aquela experiência:

“Eu lembro até hoje. Eu saía correndo de lá de Ribeirão Pires para fazer a aula do Flip. Era o único horário que dava para fazer aula aqui [em São Paulo] e ainda voltar para Ribeirão [município da região metropolitana, onde Félix residia] pra escola à noite. A aula dele era às três. Mas o meu horário do estágio terminava às duas da tarde. Eu saía de Ribeirão correndo pra pegar o trem. Então eu sempre perdia o começo da aula. O máximo que eu chegava era três e vinte, às vezes eu chegava às três e meia, sabe? Eu perdia a metade. Perdia o começo da aula, mas eu chegava. Hoje é impossível fazer aquele trajeto nesse tempo. Mas eu gastava em média uma hora e quinze, eu dava um jeito” (Trecho da entrevista de Félix Pimenta concedida para essa pesquisa em agosto de 2020).

Em pouco tempo Félix se mudou para São Paulo e se envolveu mais profundamente com as danças urbanas. Nesse processo de profissionalização, passou a integrar diferentes grupos de dança, organizar eventos e festivais e investir suas pesquisas em estilos pouco explorados naquele

gação e fomento de criadores negros, e compôs a Amem em sua fase inicial. É frequentemente referenciada como uma pessoa fundamental na história do coletivo.

contexto, como o *Wacking* e o *Voguing*¹⁷. Félix diz que é justamente nas descobertas de sexualidade que ele formou um grupo com outro “*bailarino bicha*” e iniciaram o grupo Nego Tu, dedicado a danças urbanas não normativas, treinando movimentos fora do esquema gestual masculino que predominava naquele universo. Enquanto isso, Flip também continuou com sua carreira de dançarino de danças urbanas, mais precisamente *Locking*, e foi para a Europa a trabalho, lugar em que viveu entre 2010 e 2013. No retorno ao Brasil, Félix e Flip se reconectaram e passaram a criticar normatizações e hierarquias que viam em seus lugares de sociabilidade e trabalho. A entrada de Félix na organização da Amem impulsionou as trocas da festa com a *cena Ballroom* que também emerge em São Paulo naquele período¹⁸.

Já Biel diz que sua entrada na Amem começou como uma “brincadeira”. Em uma das festas ele pegou o microfone, fez isso por uma segunda oportunidade, e já na terceira ele tinha se integrado ao grupo que organizava a Festa Amem. Com ele, veio a ideia de *host*, uma espécie de mestre de cerimônias que recebe o público e apresenta as atra-

17 *Waacking* é uma dança urbana criada por sujeitos LGBT em Los Angeles, na década de 1970. É conhecida como por possuir rotações alongadas e expressivas, também sendo chamada de uma versão “afeminada” *Locking*, estilo associado ao hip-hop que consiste em “travar” e “congelar” movimentações do corpo. Já o *Voguing*, é uma expressão da *cena Ballroom*, criada em Nova York, também na década de 1970. Vale notar que, até a década de 2010 tais estilos eram poucos conhecidos no Brasil. A maioria dos sujeitos que começaram a pesquisar estes estilos tinham uma trajetória artística no Hip-hop. As tensões e mediações presentes nas articulações entre hip-hop, gênero e sexualidade são bastante presentes na trajetória de frequentadores e organizadores da Amem. Esta é a razão pela qual o Coletivo Amem vem organizando debates sobre machismo e LGBT-fobia e destacando a presença das mulheres, pessoas trans e bichas na cultura hip-hop. Mais recentemente, alguns trabalhos acadêmicos têm destacado estas articulações, com o no trabalho “*Queer Hip Hop: A Brief Historiography*”, em que Shanté Smalls (2018) remonta a história do hip-hop desde a década de 1970, apontando para transformações nas produções musicais do hip-hop estadunidense a partir de uma “presença queer”.

18 A *cena Ballroom* ou os *balls* são eventos de performances organizados majoritariamente por membros de ‘casas’ ou ‘famílias’ que batalham entre si em diversas categorias. Essa *cena* tem origem nos idos da década de 1970 a partir de “casas” criadas por pessoas negras e latinas que destoavam das normas de gênero e sexualidade. A partir de 2016, estes eventos eclodiram pelo Brasil e, contemporaneamente, há dezenas de casas e eventos organizados em diferentes escalas, isto é, de grandes *balls* mainstream, uma liga mais “tradicional” ligada às casas Nova York, até pequenos eventos, chamados de *mini balls*. No caso de São Paulo, parte importante dos eventos tem sido impulsionado pelo Coletivo Amem, que por sua vez tem mediado a circulação de referências e pessoas entre a cidade de São Paulo e outras cidades do Brasil e do exterior.

ções dos eventos. Biel é uma *bicha preta*, da zona sul de São Paulo, e desde sua adolescência dedica-se a espaços relacionados à arte, sobretudo teatro e música. Por volta de 2013, começou a frequentar aulas e oficinas de dança e eventos que reuniam dançarinos. Foi na festa *For-Fun Party*, evento que reunia dançarinos de danças urbanas na Casa das Caldeiras, centro cultural da zona oeste de São Paulo, que ele conheceu Félix e Flip. Além de terem trilhado uma jornada nas artes, os três são membros do “capítulo brasileiro” da House of Zion da cena *ballroom*, no caso de Félix.

Retornando para a trajetória da festa, o primeiro ano também incorporou outras modificações. No segundo semestre de 2016, as performances artísticas começaram a ser mais presentes nas dinâmicas da festa e outras pessoas passariam a integrar a festa. Chegaram ao grupo a performer Dani Glamourosa, que se juntou a Biel como *host* de diversas edições, o professor e historiador Jeferson Silva, bastante presente nas pesquisas e debates, a performer Fênix Zion, ícone da cena *Ballroom* do Nordeste, e Zaila Barbosa e Andrew Lima, que tiveram um papel bastante importante na concepção artística da Amem, sobretudo no que diz respeito à performance.

Os ciclos de debates começaram a ficar cada vez mais intensos, pois, a princípio, eles não eram exatamente intencionais. A igreja fechava às 3 horas da manhã e as pessoas esperavam a abertura do metrô juntas, conversando, enquanto a Igreja era fechada, ou seguiam para um outro bar, nas proximidades. Era um momento de interação bastante importante. Depois, a festa passou a organizar debates no que seria um “momento morno” da festa, no início. Com algumas exceções, as edições de 2016 aconteciam na Igreja, às quartas-feiras, a partir das 20 horas. A mudança de lugar ocorreu quase um ano após a primeira edição, em março de 2017, quando a Amem passou a acontecer no Centro Cultural Zapata, localizado na Rua Riachuelo, no centro histórico de São Paulo. Naquele momento a festa Amem Brothers se tornaria simplesmente Festa Amem, excluindo a marcação masculina de *brothers*, a partir de uma série de discussões sobre o protagonismo feminino na festa.

No decorrer do tempo as iniciativas da Amem passaram a ganhar contornos mais nítidos em relação às suas pautas. A adesão de mais pessoas (e experiências) à festa foi responsável pelas transformações do

grupo e significou o fortalecimento de laços entre sujeitos que tentavam a vida nas artes e atuavam nos movimentos sociais. Tais transformações impactaram não apenas os novos formatos da Amem, mas também os lugares que tais iniciativas passaram a ocupar e os seus temas centrais, abrindo espaço para uma discussão aprofundada sobre saúde relacionada a diferenças.

O HIV E A CONSTITUIÇÃO DE UM FERVO POSITHIVO

Durante o trabalho de campo, meus interlocutores falavam constantemente sobre a importância do debate sobre as pessoas que vivem com HIV, não à toa este tema é um divisor de águas na história da Amem. Apesar da mudança de lugar da festa, da Igrejinha para o Centro Cultural Zapata, e da exclusão do complemento “*Brothers*” ter ocorrido em 2017, a “grande mudança” dos rumos da Amem ocorreu já em dezembro de 2016, quando a Amem organizou dois eventos dedicados ao tema do HIV. A começar da edição especial de sua festa com o tema “*Viver, Ferver e Conferver com o HIV*”, na virada do dia 30 de novembro para o dia 1º de dezembro, este último, estabelecido como o dia mundial da Aids. Por meio de contatos com pessoas que trabalhavam em organizações de pesquisa, essa edição foi patrocinada como uma ação comunitária pelos Núcleos de Educação Comunitária do Centro de Referência e Treinamento em IST/Aids da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e pela *HIV Prevention Trials Network*. Tal evento contou com apresentações de Tássia Reis e de Luana Hansen e uma série de falas entre as apresentações. A festa foi anunciada nas redes sociais com a seguinte descrição:

Antecedendo o 1º de dezembro, Dia Mundial da Aids, a Festa faz uma edição super especial que encara a HIVfobia e o silenciamento em relação ao HIV. Tirar o HIV do armário se faz necessário ao ver o estigma e o sofrimento psicossocial que o silenciamento e a invisibilidade causam nas pessoas que vivem e convivem com HIV e para que a emancipação seja alcançada. A culpa, a dor, a vergonha, o medo, a solidão e o preconceito são sofrimentos que permeiam o HIV, tornando-o um “VIRUS SOCIAL” que se mistura com as opressões já existentes na sociedade, tais como o racismo, o machismo, a LGBTfobia e o tabu ao se falar da sexualidade. Como lidar com o

*estigma do HIV nos corpos daqueles que já são marginalizados na sociedade? O que fazer para enfrentar o racismo e a desigualdade social que fazem a população negra ser a mais marcada pelo genocídio não só pelas das balas da PM, mas também pela falta de saúde pública de qualidade (o que a faz ser mais acometida por diversas epidemias)? Vamos falar e escutar mais sobre o assunto e aprender a Viver, Ferver e Conviver com o HIV. A Festa Amem Brothers é uma Festa Negra LGBT e também Positiva. É a celebração da livre expressão, dos encontros do amor, onde todos cabem e são acolhidos.*¹⁹

Os eventos temáticos foram fundamentais para ampliar as conexões da Amem, colocando a pauta dos corpos negros que vivem com HIV no centro da sua atuação e atraindo sujeitos e movimentos interessados na discussão. Tais eventos também marcam um esforço coletivo de produzir tecnologias de cuidado para membros e frequentadores que vivem com HIV, enfocando as experiências de viver na periferia da cidade, a importância do cuidado com o corpo e uma percepção sobre a força do racismo.

Meses antes, o membro e organizador da Amem, Flip Couto, havia falado publicamente sobre sua sorologia, em uma das conversas da *Explode Residency*²⁰. Pouco tempo depois, a Amem organizou o “*CorpoPositivo- Ciclo de Performances Negritude e HIV*”. Nesse evento, Flip realizou a performance “Sangue”²¹ e Micaela Cyrino realizou a per-

19 Esta descrição está disponível no evento nas redes sociais.

20 Uma residência artística organizada por Cláudio Bueno e João Assis, entre 24 de agosto e o dia 2 de setembro de 2016, que reuniu dezenas de artistas, entre residentes que ficaram imersos na vivência e participantes que estiveram presentes nos debates. Também fizeram parte dessa residência Pony Zion e Michael Roberson, Icons da cena Ballroom estadunidense. Esse evento foi bastante importante para a constituição de redes na cena, seja pela construção do primeiro evento de Ballroom em São Paulo ou pela criação do capítulo brasileiro da House of Zion. Tratarei desse tema com mais detalhe no capítulo IV.

21 A descrição da performance diz que a criação de Flip se baseia nos modelos de socialidade “presente na cultura negra contemporânea urbana como: a família, os bailes e a rua, e os reformula no contexto cênico enfatizando a necessidade de resposta à uniformização dos comportamentos e à padronização do vínculo social em meio ao caos cultural e a posição do espectador. Observando as diferentes contaminações que nossos corpos sofrem desde o nascimento, esse trabalho reflete sobre a construção da identidade do indivíduo Negro Gay em relação com o mundo social. Passeando por diferentes

formance “Cura”²². Junto às intervenções aconteceu uma longa discussão mediada por ativistas negros que vivem com HIV, como Lili Nascimento, Ozzi Cerqueira, Cadu Oliveira e Carolina Iara, hoje covereadora da Bancada Feminista do PSOL em São Paulo, única parlamentar brasileira que fala publicamente sobre sua sorologia HIV positiva. Em uma conversa para esta pesquisa, Flip disse que o evento foi muito marcante para ele e para todos que estavam presentes, pois se tratava de um evento sobre HIV com a presença das “*legendaries da Aids*”²³ no Brasil, em referência às pessoas que pavimentaram as primeiras discussões sobre jovens que vivem com HIV no país, articulando esse tema com gênero, raça, sexualidade.

A partir daquele momento, a Amem passou a se compreender como um coletivo de fato, e a pensar o HIV como parte fundamental das reflexões sobre saúde da população negra, pensando não apenas prevenção, como é o caso da maioria das iniciativas, mas, sobretudo, práticas de cuidado, de afeto e de cura entre os sujeitos. O foco está não apenas na cura do HIV, mas na cura dos estigmas e das discriminações, na cura das políticas de medicalização e na cura das violências. A partir deste momento, Micaela Cyrino se tornou membra do Coletivo Amem. E a festa passou a se anunciar como uma “*festa PositHIVa*”. Os membros do coletivo compreendem esses dois eventos como parte de um processo de amadurecimento da Amem, amadurecimento que já teria começado na edição de novembro de 2016, de celebração do Dia da Consciência Negra²⁴.

Posteriormente, o coletivo organizou outras atividades específicas sobre o tema do HIV, tais como a-) o “*Fervo PositHIVO*”, celebrando o

contextos de acolhimentos e abandonos que esse corpo circula e ao mesmo tempo que lança o olhar para o outro, lança o olhar para si enxergando qual é a transformação que o vírus HIV circulando em seu sangue traz ao corpo”.

22 A descrição da performance anuncia que a artista aborda o “corpo negro diante da epidemia de Aids, e o silenciamento das populações afetadas com a epidemia. As mulheres negras, por mais que não sejam o grupo com mais contágio da epidemia, é o grupo que mais morre por falta de insumos e tratamento. Isso é mais um dos reflexos sobre o extermínio da população negra”.

23 *Legendary* é uma alusão ao título que reconhece a trajetória de pessoas mais experientes e com grande contribuição à cena Ballroom.

24 Esse evento teve a presença de DJ Niko, Dj Rodz e o Dj Alan Costa, idealizador do Coletivo AfroBapho de Salvador. Também aconteceu uma performance de uma canção de Elza Soares pela diretora de movimentos e dançarina Natasha Vergílio.

Dia Mundial da Saúde e defendendo as políticas públicas de saúde, na figura do Sistema Único de Saúde (SUS), em abril de 2017; b-) a edição especial em junho de 2017, em que a Festa Amem recebeu o rapper estadunidense Mykki Blanco, organizando uma roda de conversa sobre “Negritude, Gênero, HIV e Performatividade”; c-) o “Amem PositHIVas no Topo - Day With(out) Art São Paulo”, um evento com uma longa programação dedicada a uma dinâmica convivial e de trocas entre pessoas negras para pensar respostas à epidemia da AIDS; também foram projetados filmes cujos enredos articulavam HIV, arte e ativismos, tudo isso no topo de um edifício no centro de São Paulo, no dia 1º de dezembro de 2018; d-) a “Amem Loka no Dia Mundial da Aid\$ Sesc Santana”, uma programação de performances, oficinas e debates realizado no dia 29 de novembro de 2019 em parceria com a Coletiva Loka de Efavirenz, e e-) no dia 4 de dezembro de 2019, o evento “Visual Aids e AMEM apresentam Day With(out)Art - Still Beginning”, que consistiu na exibição de um filme e em um painel de debates, realizados pelo Coletivo Amem em parceria com a Visual AIDS, organização artística de Nova York comprometida em ampliar a conscientização sobre a AIDS e criar diálogos sobre questões do HIV.

Com efeito, as parcerias com organizações de pesquisa, secretaria de saúde e diferentes redes de ativismos que pensam o HIV, demonstram a capilaridade das inserções de alguns membros do Coletivo Amem, como também o reconhecimento do próprio coletivo como uma organização de ação comunitária, transitando entre a cena de festas e os movimentos sociais com enfoque na saúde. Também vale notar que o coletivo tem sido mais uma das expressões das redes de jovens ativistas que vivem com HIV. Olhando para a atuação da Coletiva Loka de Efavirenz, exemplos destas novas redes de jovens ativistas, Lumena Cristina de Assunção Cortez (2019) aponta que essas atuações são, em geral, pautadas pelas ideias de ativismo, horizontalidade, direitos à saúde e ao cuidado, crítica ao capitalismo e à lógica de medicalização e pela compreensão da construção do estigma da AIDS como resultado do machismo, do sexismo, da LGBTfobia e de um conjunto de políticas que historicamente levam determinados grupos à morte, a chamada necropolítica.

Na próxima seção, veremos que o HIV é uma pauta transversal na atuação do coletivo, atravessando os discursos e a estética e propondo

outras perspectivas para pensar cuidado, memória, política e violência, onde as articulações de raça, gênero e sexualidade em articulação são fundamentais.

“A LUTA LGBT NÃO É ESSE MUNDINHO COR DE ROSA, NÃO!”

A consolidação da Amem como um coletivo político-cultural ampliou o escopo e o alcance de suas iniciativas, multiplicando-se em diversos formatos e lugares. Por ordem de ocorrência: as festas (a Festa Amem), os eventos de *Ballroom* (*balls* e *kikiballs*) e, por fim, as iniciativas construídas a partir de programações amplas, como festivais que articulam oficinas de arte e de autocuidado, rodas de conversa, mesas, e performances de música, dança e exposição audiovisual.

Nesses quase sete anos de trajetória, o Coletivo Amem tem dado especial atenção para a memória como estratégia político-pedagógica, atuando no Dia da Consciência Negra, no Dia Mundial da AIDS e na semana do Orgulho LGBT. Também consolidou um dos principais eventos anuais da cena Ballroom, o Circuito Vera Verão²⁵. Há também a celebração da trajetória do próprio coletivo e dos eventos que são organizados anualmente. Na ocasião do primeiro e do segundo aniversário, o coletivo organizou edições especiais chamadas de “Pretapalooza”, aludindo ao festival Lollapalooza. Em entrevista para o site da internet “Alma Preta”²⁶, Flip Couto, um dos membros do coletivo, falou sobre essa incorporação: “É uma festa preta, com artistas pretos no line [na lista de atrações], protagonizado por uma equipe preta e LGBT. Por isto, aceitamos a ressignificação do nome” (grifo meu)²⁷.

Grande parte das iniciativas da Amem são frequentadas por um número circunscrito de pessoas. Nas entrevistas, os membros do coletivo apontaram que a festa sempre teve como objetivo organizar

25 O nome do circuito é uma homenagem à Vera Verão, controversa personagem interpretada pelo ator Jorge Lafond, uma das primeiras imagens marcantes de uma “bicha preta” na televisão brasileira, na linha do deboche e da comédia. Lafond tornou-se um símbolo por ser praticamente a única personalidade negra e LGBT com visibilidade nacional nas décadas de 1980 e 1990.

26 A reportagem sobre este evento e a entrevista contém algumas falas de Flip Couto. A íntegra da matéria está disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/realidade/pretapalooza-comemora-aniversario-de-um-ano>>. Último acesso em 4 dezembro de 2022.

27

ambientes mais intimistas em que as pessoas se sentissem seguras para aprofundar trocas e reflexões. Por isso, boa parte das iniciativas acontecia em locais pequenos, proporcionando espaços mais intimistas em comparação com outras festas, como as festas da Batekoo, por exemplo. Além disso, raramente há festas, performances ou *balls* sem a realização de alguma roda de conversa, mesa de debate no início do evento. No evento “*Kikiball Afrodiáspórica*”, por exemplo, o grupo organizou uma roda de conversa sobre a “*Cultura Ballroom e o HIV*”, com falas sobre a importância dos *balls* na vida das pessoas que vivem com HIV e com narrativas sobre o papel da cena Ballroom na luta contra a epidemia e o estigma sobre pessoas que viviam com HIV, ao que se seguiu uma atividade de automaquiagem²⁸, e o ball em si (as batalhas de performance em diferentes categorias). O evento foi finalizado com a “Festa Amem” propriamente dita, com uma discotecagem de encerramento. Todas essas iniciativas foram desenvolvidas da tarde de sábado até as primeiras horas do domingo, isto é, atravessando a madrugada.

Existe uma regularidade na disposição dos objetos e na organização dos espaços dos eventos organizados pelo Coletivo Amem²⁹. A mesa de som e o DJ são as referências dos salões e a pista fica de frente para eles. A mesa é composta por um equipamento de mixagem e/ou um computador portátil com a parte traseira da tela repleta de adesivos com os dizeres “*Black lives matter*” ou “*AMEM*”. Em todos os eventos nota-se um tecido retangular de cerca de um metro quadrado com a pala-

28 A atividade foi orientada por Gil de Oliveira, artista visual e visagista. Algumas pessoas trouxeram maquiagens, e Gil trouxe maletas de maquiagens e alguns espelhos. As pessoas ajudam umas às outras e pediam orientações sobre detalhes da maquiagem. Durante a apresentação da oficina, Gil discorria sobre técnicas de maquiagem para pele negra, e sobre as visões normativas sobre o que é belo, em geral orientadas pelo racismo e o sexismo. Vale notar que Gil Oliveira é companheiro de Flip Couto e tem tido destaque na categoria *best dressed*, nos eventos de Ballroom.

29 Há um trabalho de pré-produção que precede os eventos e envolve a locação, a divulgação, a curadoria das atrações e a organização de funções. Caso a festa seja realizada em uma boate, a equipe organizadora também pode contar com pessoas que vendem os bilhetes de entrada, a chapalaria e o bar. A depender da boate, parte dessas funções já estão inclusas na locação. Os acordos entre o coletivo e os locadores dos espaços organizam a distribuição do dinheiro dos ingressos e do faturamento do bar. Em geral, os coletivos ficam com os valores recebidos na entrada e, dependendo do acordo, com uma porcentagem do saldo do bar. Este dinheiro é usado para custear os equipamentos e o trabalho da equipe de organização — incluindo os artistas que realizam as performances, os fotógrafos e os DJs.

vra “AMEM” grafadas com a fonte das letras em caixa alta na cor azul, com um contorno vermelho seguido de um contorno externo amarelo, como se estivesse brilhando, sobre um fundo branco. Conforme anotei na festa “Quadrilha Amem”, ocorrida em junho de 2018, no “Espaço Muss”, uma boate próxima à estação do metrô República, um item bastante utilizado é uma bandeira do arco-íris³⁰, com dimensões semelhantes à bandeira da Festa Amem.

“Com listras coloridas na horizontal, a bandeira do arco-íris é posicionada em uma região visível da festa, recaindo sobre a parte da frente da mesa de som ou na parede, atrás do DJ. Todavia um detalhe me chama atenção. A bandeira trazia oito cores, com a adição das listras preta e marrom. Essa nova bandeira não era por acaso, em uma de suas falas durante a festa, Félix diz “(...) *temos o compromisso com a luta contra o racismo, e essa bandeira expressa o nosso reconhecimento pelo papel das pessoas negras LGBT na luta contra qualquer tipo de opressão. Essa é a nova bandeira feita pelas manas da Philadelphia, porque a luta LGBT não é esse mundinho cor de rosa, não! Ser preto e bicha, travesti e mulher trans é babado!*” (Trecho do Caderno de Campo, Junho de 2018).

Félix se referia a ações de movimentos por direitos sexuais da cidade de Filadélfia, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, particularmente aos questionamentos sobre o racismo que marginaliza sujeitos negros, latinos e asiáticos no interior da *comunidade LGBTQI* naquele país. Em 2017, diversas organizações se juntaram em torno de uma série de vídeos sobre racismo³¹ e de uma ampla campanha, denominada

30 Criada em 1978 pelo artista plástico Gilbert Baker, a bandeira do arco-íris se tornou um dos símbolos dos direitos sexuais. Há uma variação da disposição das listras, mas em geral, são 6 faixas na posição horizontal com as cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta, de cima para baixo.

31 No site da campanha, há uma breve explicação sobre a nova bandeira e alguns vídeos explicativos, um deles expõe uma ativista oriental falando sobre o racismo vivido por asiáticos e “people of colors” (pessoas de cor). Os vídeos são encerrados com a frase “não é apenas sobre falar sobre ser inclusivo, mas é sobre ser, de fato”: “To not just talk about being inclusive. But to finally do it”. Logo, esta campanha se espalhou por várias cidades americanas e, hoje, é utilizada por movimentos de vários lugares do mundo como, por exemplo, na Parada do Orgulho de Manchester, na Inglaterra.

“Mais cores, mais orgulho!”³², em que lançaram uma nova bandeira do arco-íris, utilizada pela primeira vez na *Philly Pride Parade*, Parada do Orgulho LGBT da Filadélfia. Tratou-se da mesma bandeira apresentada por Félix na festa “Quadrilha Amem”, em 2018.

Ainda sobre a “Quadrilha Amem”, a edição “junina da Festa Amem”, aludindo às “quadrilhas” encenadas nas festas populares de junho, as pequenas bandeiras decorativas de cores diversas, típicas das festas juninas, surgiram em uma única cor, a vermelha. Essa é uma referência estética aos debates sobre o HIV. Nesse evento, Micaela Cyrino, membra do coletivo e conhecida militante que vive com HIV, subiu ao palco e falou:

“Primeiro, eu gostaria de agradecer a presença de todas vocês. Eu acho que é importante a gente se reunir, principalmente nós que temos corpos pretos. Ontem eu saí na capa de uma polêmica revista, a ‘Revista Veja’. Quem não viu ainda, procura ver. Falando sobre resistir e falando sobre resistência e vivendo com HIV. Eu falo sobre isso na minha vida. Estar aqui comemorando meu pré-aniversário é importante pois estou falando ‘Estou viva!’, mesmo tentando me matar. Estão matando preto todo dia, mas a gente está resistindo. Quando a gente fala que é uma quadrilha da Amem, é porque realmente nós estamos nos armando e buscando maneiras para lutar contra esse sistema que nos mata todo dia. Então é realmente importante a presença de cada um aqui” (Transcrição da fala de Micaela Cyrino, Caderno de Campo, junho de 2019).

Micaela Cyrino, Flip Couto, Félix Pimenta e outros integrantes do “Coletivo Amem” abordam constantemente o “viver com HIV”, articulando esta experiência com as experiências de “ser periférico”, “ser negro” e “ser LGBT”. Estas e outras experiências são colocadas em suas práticas discursivas, compreendendo também suas estéticas, performances artísticas e discursos.

Há, também, uma recorrência do “sangue” e do “coração” como elementos estéticos do coletivo. Eles surgem como metáforas ambiva-

32 Nome original “more color, more pride!”. Mais informações sobre a campanha acessar: < <https://hellotierney.com/work/more-color-more-pride/> >. Último acesso em 4 dezembro de 2022.

lentes que denuncia estigmas sobre o sangue, mas, também faz com que ele emergja como símbolos da pulsação da vida e do amor. Isso está presente no próprio nome do coletivo como uma ordem: *Amem!* A mensagem é que viver com HVI não pode ser o “*fim do jogo*” na vida das pessoas. Pelo contrário, é uma nova condição de existência repleta de estigmas e opressões, mas que coloca a coletividade como condição de vida e de cura. Não se trata aqui da cura literal do vírus, mas da cura como “autorrecuperação” dos impactos do racismo, do sexismo, do classismo, como bem nos descreve Bell Hooks (2019).

Vale dizer que em 2018, uma controvérsia envolveu a distribuição de um jogo de tabuleiro oferecido pela Fundação Pró-Sangue. Conforme o jogador avança no jogo de perguntas, a depender do percurso o jogador pode ser eliminado e receber a mensagem “*Sorologia positiva! Você perdeu. O jogo acabou para você*”. Este caso foi amplamente debatido nas redes sociais e interlocutores escreveram mensagens em desagravo, pois, segundo eles, a fundação estava sendo “*sorofóbica*” ao tratar pessoas com sorologia positiva como “*perdedoras*” em um contexto de perspectiva de vida saudável para quem vive com o vírus e tem acesso ao tratamento. Campanhas de prevenção que tratavam a infecção do HIV como “*fim de jogo*” ou “*fim da linha*” também já foram alvos de críticas e de enfrentamento por membros do coletivo.

É também da luta por visibilidade que o Coletivo Amem tem se colocado nos debates da cena cultural e nos movimentos de São Paulo com a postura de “*enegrecer*” as discussões e denunciar as desigualdades. Na próxima seção, veremos como o coletivo articulou seus debates numa atuação que tem transformado a cena da cidade, tornando-se uma referência de atuação e formação política, sobretudo no que diz respeito à construção de um referencial negro e *positHIVo*.

MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS DE AFETOS NEGROS

Como vimos, desde 2017, o Coletivo Amem tem construído outras narrativas sobre a história da luta LGBT. Prova disso, é que algumas ações da Amem foi justamente debater o lugar das pessoas negras na semana da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, construindo também um bloco dentro da própria Parada, chamado “*Nossa parada é outra*”. Em um desses eventos, Micaela Cyrino disse: “*Nesse ano, a proposta é dia-*

logar com a Parada Gay, pois há anos ela vem se consolidando como espaço político e de diversão, mas onde negras e negros não tem tanto espaço”. A disputa por espaço nos movimentos sociais e a reivindicação pela centralidade de determinadas pautas são colocadas nos discursos de meus interlocutores nas redes sociais e na própria estética da festa. As imagens de divulgação dos eventos são exemplos do investimento na estética como maneira de articular discussões e comunicar anseios e projetos. As ilustrações utilizadas para divulgação do evento “Nossa parada é outra”, também anunciada como “Parada preta LGBTT” são exemplares nesse sentido:



A figura da esquerda traz duas personagens negras flutuando sobre os prédios do centro da cidade de São Paulo. Há uma estética afirmativamente negra, com os personagens com seus cabelos crespos esticados, e o uso de dreads. A primeira personagem se assemelha a uma heroína, lançando raios coloridos, raios que formam o arco-íris. Logo atrás, outra personagem alude a uma figura religiosa que lança mão a um “poder mental”, misturando-se com fantasia e ficção científica (planar no céu, como super-heróis de revistas e filmes subvertendo o imaginário racista no qual sujeitos negros são coadjuvantes nos territórios da cidade e da política)³³. Parte dos símbolos desta figura compõe imageticamente símbolos de outros movimentos culturais e sociais negros, que me remete diretamente ao Movimento Afrofuturista, surgido a partir da chamada “crítica cultural” da década de 1990.

Já no evento da “Parada Preta”, a proposta é bastante similar no que diz respeito a “enegrecer” os debates sobre o orgulho LGBT. Na imagem de divulgação da direita há treze sujeitos negros com diferentes penteados, tons de pele, roupas e ornamentos. Acima das pessoas se vê uma série de arco-íris, já incorporando as duas novas cores preta e marrom, e mesclando-se entre si, como bandeiras a tremular. O nome “*Parada Preta*”, na cor preta, está no topo da figura, ao lado de um coração com as cores do arco-íris e um punho cerrado, símbolo da luta antirracista. Dentre os sujeitos negros, é possível identificar algumas pessoas notórias como Marsha P. Jhonson (e sua coroa de flores), Jorge Lafond (discutido há pouco, como o ator que interpretava a Vera Verão), Leci Brandão e Madame Satã, junto a símbolos de coração com mensagens em homenagem a pessoas negras LGBT, as quais foram ceifadas pela brutalidade, como nos dizeres “*Marielle, vive!*”, “*Luana Barbosa, presente!*” e “*Matheusa, presente!*”. Nas duas imagens há uma série de símbolos tatuados na pele dos personagens ou nas vestimentas, como os símbolos do punho cerrado dos movimentos negros, o símbolo de Vênus (círculo com uma cruz abaixo), com um punho cerrado em seu interior, em referência ao movimento feminista negro, a figura do con-

33 Faço um agradecimento especial a Luiz Gustavo Freitas Rossi ao me alertar que tais imagens são eventos etnográficos visuais. De fato, tais imagens funcionam como ilustrações de um discurso político pois elas são a própria política e a produção de um certo discurso sobre diferenças. Estas imagens, tais como outros folders de divulgação, são signos de perturbação das políticas de raça, gênero e sexualidade que ilustram os discursos sobre diferença que eu persegui durante o mestrado.

tinente africano e uma folha simbolizando o movimento antiproibicionista. Outro símbolo que aparece nas duas imagens são pequenos broches de laços vermelhos no busto das personagens.

Ademais, o símbolo do laço vermelho é recorrentemente usado nos espaços organizados pelo “Coletivo Amem”. No evento da “Quadrilha Amem”, esse símbolo estava presente no saguão da entrada da boate e na parte interna, na parede da pista de dança. Nota-se que este é um dos símbolos da luta contra a epidemia do HIV/AIDS, surgindo na década de 1990, em meio a uma série de campanhas de conscientização sobre a epidemia, a prevenção e a vida das pessoas que viviam com o vírus.

Neste trabalho sobre memória, a Amem enquadra, a um só tempo, suas bandeiras políticas e a figura de sujeitos negros LGBT com atuação destacada, constituindo uma espécie de “tradição negra LGBT”, com seus símbolos, expressões e eventos históricos. É notável a aposta à referência de símbolos dos movimentos negros e à reivindicação de sujeitas brutalizadas pela violência — como Matheusa, Luana e Marielle — com feições alegres e unidas a sujeitos que estão vivos, como se estivessem conectados por uma celebração, um exemplo de produção da pretitude, pretitude essa que desafia o capitalismo, o racismo e suas políticas de adoecimento e morte.

As artes das divulgações dos eventos da Amem são realizadas por uma série de artistas aliados, dentre os quais, artistas visuais, ilustristas e *designers* gráficos. As duas últimas imagens são obras do artista Antônio Junião Júnior que contribui com a arte de várias atividades do coletivo. Vale também destacar que boa parte das artes de divulgação do coletivo são ilustrações ou bricolagens de fotografias das próprias ações da Amem ou de símbolos de arte negra. No primeiro ano, boa parte das festas utilizavam capas de álbuns ou imagens inspiradas no *Blaxpotation*³⁴ para a divulgação.

Destaco que fui levado a estes eventos por indicação de pessoas que tomavam a atuação política do “Coletivo Amem” como exemplo do que se deveria admirar. Trata-se de um coletivo que aglutina uma ampla rede de ativismos e possui reconhecimento de outros coletivos político-

34 *Blaxpotation* foi um movimento de cinema que reuniu cineastas negros em torno de produções sobre a vivência de sujeitos negros que viviam nos bairros urbanos e pobres dos Estados Unidos, nas décadas de 1970 e 1980. Este movimento ajudou a divulgar, ritmos, expressões e artistas afro-americanos em escala internacional.

-culturais e no interior dos movimentos de cultura e de periferia de São Paulo. Desde a minha primeira incursão nestes eventos, percebi que as relações entre os próprios membros do coletivo e com os frequentadores de suas ações são, em geral, profundas e permeadas por afeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto de avanço do conservadorismo e de retrocessos de direitos humanos e sociais, a experiência de atuação do Coletivo Amem é símbolo importante de resiliência que nos obriga a transformar o amor em verbo a ser conjugado para todes, no presente e em sua forma imperativa— Amem! É também um “lugar-chave” (FRANÇA, 2012) que ilumina um conjunto de relações que compõem a cena preta LGBT de São Paulo. Cena esta que se forjou como recusa a um sujeito LGBT “universal”, isto é, um sujeito sem raça, classe, gênero, sorologia e origem familiar e social que mascara uma hierarquia de privilégios e desigualdades. Essa recusa acompanha também a refutação das normas cisgêneras e heterossexuais naturalizadas em certas esferas de um universo negro. Tais recusas não são, contudo, atitudes estéreis: é delas que emergem uma cena vibrante, que procuram reinventar outras formas de conjugar diversidade sexual e de gênero e raça no Brasil. Desde o princípio, essa cena tem se construído numa relação forte com outras pautas, seja a dos estudantes da USP que moravam em condições insalubres em sua residência estudantil e a das mulheres DJs em um universo de discotecagem masculino, como é visível na atuação da Batekoo, ou pelos direitos de viver, brilhar e trabalhar de travestis e transexuais que conformam o Coletivo Marsha!, por exemplo.

Intencionalmente, procurei fazer deste artigo um enquadramento sobre experiências coletivas de protagonismo jovem, negro e positHIVo. Um dos muitos aprendizados que tive em campo foi o de visibilizar e diversificar o debate sobre o HIV, pensando a cura (não apenas a eliminação do vírus das estruturas celulares, mas sobretudo a cura dos estigmas e das violências). Trata-se de um tema de grande importância para os movimentos sociais, uma vez que o debate do HIV foi precursor na produção de nexos entre sexualidades e direitos (FACCHINI, 2009). Neste sentido, é mais que urgente olhar para iniciativas de protagonismo, como na pesquisa de Lumena Cortez (2021) sobre a Coletiva

Loka de Efavirenz, e nos processos amplos de subjetivação, de sobrevivência e de luta contra estigmas e criminalização dos corpos de sujeitas e sujeitos que vivem com HIV, como bem anotou Pisci Bruja Garcia de Oliveira (2022).

À guisa da conclusão deste artigo, mobilizo as ideias de Harney e Moten (2013) para enfatizar que a pretitude produzida no Coletivo Amem, como também na cena preta LGBT mais ampla, não atua como uma preponderância de uma “pauta negra” sobre outras diferenças. Pelo contrário, é um “reconhecimento” deste “mundo quebrantado” (HARNEY; MOTEN, 2013), que desnaturaliza as estruturas e hierarquias, mas que também produz solidariedade entre diferentes, desterrados e despossuídos. Ao discutirem o ensaio “Razão religiosa e afeto secular: Uma barreira incomensurável?”, de Saba Mahmood, Everton Rangel e Maria Elvira Diaz Benitez (2019) nos chamam à atenção para as inequidades que afligem, ameaçam e aterrorizam um conjunto de “contingentes humanos” que são relegados a este lugar de quebrantamento, mas que se unem por um “princípio de raça”, uma racialização que está no cerne da diferença. Os autores propõem uma relação produtiva entre a ideia de “habitar a norma” de Sabah Mahmood (2005) e a ética dos *undercommons* proposta por Harney e Moten (2013), na medida em que tais “contingentes humanos” reconhecem “sua vida expropriada em outra vida expropriada que é negra, mas também indígena (e que, se unidos pelo princípio de raça, pode ser palestina, pobre, LGBT...)” (RANGEL; DÍAZ-BENÍTEZ, 2019, p. 88).

Durante o trabalho de campo, nos eventos e na condução de entrevistas, percebi que o processo de afirmação, isto é, de reconhecer o racismo e o que isso significa nas vidas negras, também chamado pelos meus interlocutores de “empoderamento”, não acontece de modo progressivo e instável. É um processo inacabado que se constrói no cotidiano. Ele é atravessado, por um lado, por traumas de violências e pela iminência constante da brutalidade do racismo, da LGBTfobia e da misoginia; e, por outro, pela alegria da descoberta e valorização de seu próprio corpo, pela experimentação de gostos, estilos e modos de ser e pelo calor do acolhimento de pessoas em comum.

Não à toa, meus interlocutores descrevem os coletivos como “aquilombamentos”, isto é, como espaços de autonomia e de protagonismo negros, em que é possível viver e se curar juntos. Afinal, a cura neces-

sária não é apenas a remissão completa e definitiva do HIV, luta corretamente objetivada pelos meus interlocutores, mas é sobretudo, a cura do racismo que violenta cotidianamente os corpos negros, como uma doença disseminada que só pode ser sanada coletivamente, através do cuidado de si, cuidado que nunca está apartada do “cuidado com os outros”, conforme nos lembra Mariléa de Almeida (2019) sobre a obra Foucaultiana ao prefaciar a edição brasileira do livro “Erguer a voz” de Bell Hooks. É também uma recusa a ser a “parte quebrada do mundo” (HALBERSTAM, 2013, p. 6), uma forma de desobediência que consiste não apenas em existir, mas em (se) amar. Amem!

REFERÊNCIAS

- AGUIÃO, S. *Fazer-se no” Estado”*: uma etnografia sobre o processo de constituição dos” LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro, Eduerj, 2018.
- ALMEIDA, M.. *A voz, a coragem e a ética feminista*. In: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019. pp.8-15.
- CARMO, Í. N.. *O rolê feminista : autonomia, horizontalidade e produção de sujeito no campo feminista contemporâneo*. Tese (doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018.
- CORRÊA, S. Ideología de Género: rastreando sus orígenes y significados en la política de género actual. *Sexuality Policy Watch* [online]. (2018). Texto disponível em: <https://sxpolitics.org/es/ideologia-de-genero-rastreando-sus-origenes-y-significados-en-la-politica-degenero-actual/3858>
- CORTEZ, L. C. A.. “*Ou eu luto, ou eu morro*”: *ativismo em HIV/aids e processos de subjetivação na experiência da Coletiva Loka de Efavirenz*. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva - FACISA) – Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- FACCHINI, R..*Entre umas e outras, diferenças e (homos)sexualidades na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado) Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH, Unicamp, 2008.
- FACCHINI, R.. *Entre compassos e descompassos: um olhar para o” campo” e para a” arena” do movimento LGBT brasileiro*. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*. n. 4, p. 131-158, 2009.
- FACCHINI, R.; CARMO, Í. N.; LIMA, S. P. *Movimentos feminista, negro e LGBTI no Brasil: sujeitos, teias e enquadramentos*. *Educação & Sociedade*, v. 41, 2020.
- FACCHINI, R.& França, I. L. (Eds.). (2020). *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Editora da Unicamp.

- FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2012.
- FRANÇA, I. L.; RIBEIRO, B. N. “Viver, brilhar e arrasar”: resistências e universos criativos entre pessoas negras e LGBT+ em São Paulo. In: Regina Facchini; Isadora Lins França. (Org.). *Direitos em disputa : LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, v. 1, p. 259-285.
- HALBERSTAM, J. The wild beyond: With and for the undercommons. In: *The undercommons*: HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *Fugitive planning and black study*. Wivenhoe, UK & New York: Minor Compositions 2013, p. 2-13
- HARNEY, S.; MOTEN, F. *The undercommons: Fugitive planning and black study*. Wivenhoe, UK & New York: Minor Compositions, 2013.
- HOOKS, B. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante; 2019.
- MAHMOOD, S. *Politics of Piety: the Islamic Revival and the Feminist Subject*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- OLIVEIRA, P. B. G. “HIV NÃO É CRIME”: processos de subjetivação de pessoas vivendo com HIV/AIDS, disputas políticas contemporâneas e estratégias de sobrevivência. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 249 p. 2022.
- RANGEL, E.; DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.. BARREIRAS INCOMENSURÁVEIS? UM COMENTÁRIO. *Debates do NER*, v. 2, n. 36, p. 79-90, 2019.
- RIBEIRO, B. N. “Vida preta importa quando a gente tá morta, não quando a gente tá viva’: estética, desejo e constituição de si na cena preta LGBT de São Paulo”. *ÁSKESIS*, São Carlos – SP, v9, n.1, p. 59-78, jan./jun. 2020.
- RIBEIRO, B. N. *Afronta, vai, se movimenta! uma etnografia da cena preta LGBT da cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 165 p. 2021.
- RIOS, F.; MACIEL, R.. *Feminismo negro brasileiro em três tempos: Mulheres Negras, Negras Jovens Feministas e Feministas Interseccionais. Labrys, estudos feministas*, 2017.
- SMALLS, S.. *Queer hip hop: A brief historiography. The Oxford Handbook of Music and Queerness*, Oxford University Press, , v. 1, 2018.
- VIGOYA, M. V.; RONDÓN, M. A. R.. “Presentación Dossier Hacer y deshacer la ideología de género”. *Revista Latino-americana Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 27: 118-127, 2017.
- ZANOLI, V.. *Bradando contra todas as opressões! Ativismos LGBT, negros, populares e periféricos em relação*. 1. ed. Salvador: Devires, 2020. v. 1. 258p .